
O Mundo de Fora

ALFAGUARA



Jorge Franco

O Mundo de Fora

TRADUÇÃO DE
ALICE ROCHA

ALFAGUARA



O MUNDO DE FORA

Título original: *El mundo de afuera*

© Jorge Franco Ramos, 2014

© desta edição:

2014, Penguin Random House
Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Avenida Duque de Loulé 123

Edif. Office 123 – Sala 2.5

1069-152 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

Tradução: Alice Rocha

Revisão: Ana Leonor Branco

Paginação: Segundo Capítulo

Capa: Teresa Coelho

Imagem da capa: © Jesús Acevedo

Fotografia do autor © Daniel Santiago Salguero

1.ª Edição: Janeiro 2014

ISBN: 978-989-672-19-1

Depósito legal: ??? ???/14

Impressão e Acabamento:

AGIR – Produções Gráficas

Distribuição:

VASP

Tel.: 214 337 000

geral@vasp.pt

Alfaguara é uma chancela de:

Penguin
Random House
Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Para Valeria, o meu mundo de dentro

BOLETIM INFORMATIVO N.º 034
FORÇAS MILITARES DA COLÔMBIA
EXÉRCITO NACIONAL

Medellín, 9 de Agosto de 1971

O comandante da 4.^a Brigada, coronel Gustavo López Montúa, permite-se informar os cidadãos que no dia 8 do corrente, às 18h20, Dom Diego Echavarría Misas foi sequestrado nas imediações da sua residência «El Castillo», no bairro El Poblado desta cidade. O sequestro ocorreu quando Dom Echavarría Misas chegava à sua residência na companhia de alguns familiares e amigos, tendo sido interceptado por três delinquentes armados, que o reduziram à impotência, intimidando os seus acompanhantes, e o transportaram num veículo *Jeep Comando* branco com matrícula L4531.

As autoridades fazem um apelo ao espírito cívico das pessoas de bem da cidade de Medellín, e da província de Antioquia em geral, no sentido de que prestem a sua valiosa colaboração informando oportunamente as autoridades de qualquer indício que possa conduzir à localização e resgate de Dom Diego e à captura dos sequestradores.

1.

Mal se ouve o vento que abafa lá do alto, como um manto protector, o ruído encadeado das fábricas de têxteis, da siderurgia, dos autocarros, automóveis e motorizadas e até do comboio que atravessa Medellín nas suas últimas viagens. A encosta do castelo é íngreme e afasta-se com arrogância do bulício quotidiano. Possui apenas duas faixas asfaltadas, pouco mais largas que os pneus dos carros. Chama-se encosta dos Balsos porque em tempos esteve coberta de balsas de alto a baixo. Os aviões abalam a tranquilidade da montanha quando voam junto à cordilheira. Quem viajar no lado direito do avião consegue observar do ar o castelo e os seus jardins. E, com sorte, poderá ver a princesa acenar com a mão aos que a sobrevoam.

Lá em baixo, bem no fundo, o vale é atravessado por um rio que liberta cheiros e sobre o qual esvoaçam urubus-de-cabeça-preta atentos ao que sai dos esgotos. A lenta corrente arrasta desperdícios, excrementos e espumas, e mesmo ao lado vivemos nós, pouco mais de setecentas mil pessoas, em bairros simples e tranquilos. Também há fábricas que empestam o ar de fumo.

Ouvimos histórias de bandidos e de roubos, do assalto a uma casa de onde levaram o faqueiro de prata, ou do assalto a um banco, de zaragatas nos bares, de infidelidades, de um pai que deu um tiro a um rapaz que lhe fugiu com a filha, de um demónio que apareceu a alguém ou de um feitiço com que alguma mulher conseguiu arrebatam um marido.

Nas redondezas do castelo há dois colégios para raparigas, uma igreja, um convento onde as monjas vendem aparas

de hóstias, e as nossas casas: amplas e modernas, entre solares e azinhagas. Às árvores chegam tucanos-da-montanha, udus-de-coroa-azul, abelharucos, corruções, rolas e colibris, a que a princesa também chama beija-flores. À noite, adormecemos com o barulho das rãs e das cigarras, e de manhã acordamos com a algazarra dos pássaros. Estes sons que ouvimos são os mesmos que embalam e despertam a princesa.

Chove durante a noite e de dia brotam flores enquanto nós corremos pelos terrenos baldios, encosta abaixo, encosta acima. Gostamos de rondar o castelo, sempre de longe, com medo do que há nesses sítios: torres, caves, abóbadas e fantasmas, apesar de lá viverem princesas e reis. Neste da encosta há uma princesa que vemos saltar pelos jardins, seguida por uma senhora esbaforida.

«Isolde, Isolde!», ouvimos o vozeirão de Hedda quando chama por ela. A menina esgueira-se por entre os antúrios e as mussaendas, e o resplendor do seu vestido emaranha-se nas hortênsias. Salta pelos arbustos num mundo que ainda não lhe parece confinado. Corre, escapulindo-se de Hedda, que chama por ela aos gritos, das torres, orientando-se pelo riso da menina, que acha piada à voz masculina e ao sotaque austero da preceptora. A menina esconde-se para obrigar Hedda a sair para o sol.

— *Isolde, wo bist du?*¹

Há um pajem, duas mucamas, duas cozinheiras, um motorista e um jardineiro que se chama Guzmán e que observa a menina que joga às escondidas. Hedda pergunta-lhe por ela, e ele responde-lhe que a viu a correr por ali há pouco. Hedda torna a gritar por ela, procura-a durante mais uns instantes até que é vencida pelo sufoco e volta ao castelo, para tomar água e recuperar fôlego antes de apresentar queixa a Dita.

¹ Em alemão, no original. «Isolda, onde estás tu?» (*N. da T.*)

— Não aparece, esconde-se sempre quando chega a hora da aula de bordado. E também falta à aula de Aritmética, não se esforça na Geografia, passa a vida enfiada na selva.

Dita sorri ao ouvi-la referir-se assim ao seu jardim. Deve ser por causa das árvores-da-borracha, das ameixoeiras, das arecas e dos enormíssimos tamarindeiros. Deita uma olhadela ao relógio de pulso. Faz isto com tanta frequência que dá a impressão de estar sempre a preparar-se para ir a algum lado. Diz que é para saber que horas são em Herscheid, porque vive seis ou sete horas adiantada. Responde a Hedda: «Deixe-a brincar mais uns quinze minutos.»

Hedda não disfarça o seu desagrado, não foi para que a desautorizassem que deixou a Alemanha, e se a menina não vai à escola como qualquer outra, há que seguir as regras de modo a fazer dela uma mulher de bem num país selvagem. Dita repara no gesto de Hedda, deita nova olhadela ao relógio e acede: «Está bem, vou já buscá-la.»

Basta chamá-la uma vez para a menina sair de entre os fetos, com vestígios de erva no cabelo e bardanas agarradas às meias. Corre até junto da mãe e diz-lhe:

— Não quero ir à aula.

Dita promete-lhe que depois do lanche poderá ir outra vez brincar lá para fora. E a menina volta então para casa, resignada com a sua aula de bordado.

Na sala das tapeçarias, borda o animal que antes tinha desenhado na tela. Um coelho com orelhas compridas inclinadas para trás, dois grandes dentes e um chifre em espiral a sair-lhe do meio da testa. «Um *almiraj*»¹, disse ela

¹ Animal mítico da poesia islâmica que se diz habitar uma ilha misteriosa situada no Oceano Índico. Possui a aparência de um coelho, pelagem amarela e um chifre preto espiralado na testa, semelhante ao do unicórnio. Apesar do seu aspecto aparentemente dócil e inofensivo, consta que, com o seu chifre, é capaz de matar pessoas e animais muito maiores que ele. (*N. da T.*)

ao desenhá-lo. Hedda resmungou, mas deu-se por rendida, desde que ela bordasse qualquer coisa.

A seguir, a menina, toma chocolate quente com pão de queijo na sala de jantar, na companhia de Hedda e da mãe. E, quando acaba, recorda à mãe a promessa que esta lhe fez de a deixar ir outra vez para o jardim.

— Ainda há sol — diz, e corre até à janela.

A preceptora respira fundo, mas antes que alguém possa dizer o que quer que seja, antes que Dita se possa arrepender ou que alguma nuvem encubra o Sol, ou que o próprio Sol se esconda atrás das montanhas, antes que aterre o último avião do dia, apenas um pouco antes de soarem as sirenas das fábricas para que os operários regressem a casa, precisamente antes, a princesa sai para o jardim e sobe até ao bosque, iluminada pela última réstia de luz da tarde e acariciada pelas lufadas mornas dos ventos do seu reino.

Guzmán já não está lá para a vigiar. Voltou para a sua casinha, numa encosta do jardim, e ouve as notícias da tarde pela rádio. Hedda está fechada no seu quarto e, como todos os dias, pergunta-se: «O que estou eu aqui a fazer neste país de bestas, a esborrachar baratas com os pés e mosquitos com as mãos, longe de ti ou pelo menos da tua recordação, mais longe do teu silêncio com um oceano de permeio?» As cozinheiras, nas despensas, inventam os pratos para o jantar, e as mucamas passam os lençóis e as colchas a ferro. Dita, sentada ao tocador em frente ao espelho, põe laca no cabelo, aplica pó-de-arroz e borriфа-se com perfume, como uma esposa que espera o marido ao final do dia.

Uma luz pardacenta tolda Medellín, de tal modo que Dom Diego, sentado atrás na limusina, diz a Gerardo: «Acenda as luzes, homem, que não se vê quase nada.» Da janela onde suspira, Hedda é a primeira a avistar as luzes

do automóvel que sobe a alameda dos ciprestes. Então, corre lá para baixo e corre lá para fora.

— Isolde, Isolde, o teu pai já chegou! — grita na direcção do jardim, e nesse preciso momento a buzina toca e Guzmán sai apressado para abrir o portão. Dita levanta-se do tocador e ajeita a saia. As mucamas e as cozinheiras exclamam: «O senhor chegou!» Hugo, o pajem, avança muito apumado, com passos curtos e rápidos até à porta principal, e pragueja porque, de cada vez que calça as luvas, enfia dois dedos no espaço destinado a um único.

Gerardo abre a porta da limusina, e Dom Diego desce, vestido de preto da cabeça aos pés. Inspira profundamente o aroma das açucenas e dirige-se à ampla escadaria onde é recebido por Hugo e a respectiva vénia.

A menina sai do bosque saltando por cima de hortênsias, crisântemos, santolinas e begónias. Evita as raízes das árvores-da-borracha que brotam da terra como anacondas. Dom Diego ouve-lhe os passos que correm, ouve-lhe os arquejos e o esforço para o chamar por entre a emoção. Vê-a debaixo do alpendre, a sua princesa, que resplandece na penumbra com o cabelo num desalinho: quatro madeixas enroscadas caídas como os chifres do chapéu de um bobo da corte, do meio sai-lhe um tufo em cone e, na ponta, traz uma flor.

2.

— Antes de me tornar mau, eu também lhe queria dizer, tal como o senhor: minha Isolda, abraçado a ela. Eu não queria o seu dinheiro, doutor, queria a sua filha. Eu também a espiava, como os seus vizinhos, os tais meninos ricos que passavam os dias a rondar o castelo.

Dom Diego limitou-se a pestanejar, com o olhar fixo num ponto qualquer da parede. O Mono Riascos ficou à espera de que ele dissesse alguma coisa, mas Dom Diego inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, como fazia no seu castelo quando se queria esquecer do mundo. O Mono olhou para a sua chávena com repulsa: no fundo repousava um depósito de nata grumosa. «Agora percebo porque é que não come», disse, e afastou a chávena para o lado. «O que não percebo», continuou, «é porque não facilita as coisas para poder sair daqui.» Chamou pelo Sobrancelhudo: «Sobrancelhudo!», e pediu-lhe que levasse as chávenas. «Bebi essa porcaria», disse-lhe, «e vê só o que me apareceu no fundo.»

O Sobrancelhudo olhou para a nata espessa sobre os resíduos de café e arqueou as sobrancelhas.

— É do leite — disse.

— Pois claro que é do leite — ripostou o Mono —, mas porque é que não arranjam leite fresco? O que não falta por aqui são vacas.

— Avisaste-nos de que não saíssemos — alegou o Sobrancelhudo.

— Pois foi — respondeu o Mono —, mas também vos disse que tratassem bem de Dom Diego, e isso é o que mais importa, não é verdade, doutor?

Dom Diego continuava de olhos fechados e respirava pesadamente, abraçado a si próprio, atormentado com o frio de Santa Elena.

— Amanhã quero que me tragam leite acabado de ordenhar, que lho sirvam bem fervido para que não lhe caia mal e, com o que sobrar, façam-lhe um queijinho — ordenou o Mono, sempre a olhar para Dom Diego, nunca para o Sobrancelhudo. — E agora desaparece e leva isto.

Mal o Sobrancelhudo fechou a porta, o Mono começou a passarinhar pelo quarto. Ia deitando olhadelas a Dom Diego, que continuava quieto, como se estivesse a dormir.

— Já lhe disse que uma das minhas virtudes, entre muitas outras, é a paciência — lembrou-lhe o Mono. — Era capaz de passar uma tarde inteira a espreitar a Isolda no jardim, sentado no ramo de uma árvore, com o cu trilhado, e o senhor perdoe-me a expressão, mas é que ao fim de uma hora de lá estar já não sabia em que posição me havia de pôr, e nem mesmo mudando de ramo aliviava, e quando ela não saía de casa, o desconforto ainda se fazia sentir mais. Isto, para não falar dos aguaceiros. O senhor sabe que em Medellín, quando chove, chove a cântaros, e ainda pior no seu castelo, onde se entranha o frio da montanha. Tem frio, Dom Diego? — O Mono passou-lhe a manta. — Tome, agasalhe-se — disse.

Dom Diego olhou para a manta empoeirada e rota, franziu o cenho, e o Mono não soube se foi por repulsa, por humilhação ou por engolir o seu silêncio intransigente. Praticamente não tinha aberto a boca desde que declarara: «Por mim, não vão pagar um único peso.»

— O pior eram os aguaceiros e o vento — continuou o Mono, de poncho vestido, com as mãos enfiadas nos bolsos

e ainda de pé. — Mas a espera valia a pena. Quando a sua filha saía, era como se... — O Mono reparou que Dom Diego cerrava os olhos, e manteve-se calado até ele tornar a descontrá-los. — O jardim resplandecia — prosseguiu o Mono —, soprava uma brisa tépida e quando ela se ria, era como se, como se... — A emoção deixou-o por momentos sem palavras, depois disse: — Até parava de chover quando ela saía, e eu já não me importava que os ramos fossem duros, a única coisa que me preocupava a sério era que alguém da casa fosse dar comigo ali. — O Mono puxou de um banco de madeira meio cambado. — Com a sua licença, sento-me.

Dom Diego abriu os olhos, e uma vez que o Mono estava a olhar para ele, por um instante, e pela primeira vez naquela noite, os olhares de ambos cruzaram-se. Depois, Dom Diego voltou ao mesmo, aos olhos fechados, à cabeça inclinada para trás, ao frio nos ossos.

— Era como se o sol aparecesse — prosseguiu o Mono —, e eu ficava com medo de que aquela luz toda me denunciasse por mais que me escondesse entre a folhagem mais densa. Embora eu soubesse o que fazia, porque a alcunha de Mono não me vem de ter sido louro em miúdo, mas da minha habilidade para me empoleirar nas árvores¹. — O Mono ensaiou uma gargalhada, mas saiu-lhe um gemido.

Fora do quarto, houve uma grande risota que aborreceu o Mono, como se o tivessem ouvido e estivessem a fazer troça dele; porém, bastou-lhe ouvir o riso da Twiggy para perceber o motivo da balbúrdia, e ficou ainda mais aborrecido. Esfregou a cara com as mãos, coçou a cabeça, revolveu o cabelo e comentou, em tom de desespero resignado: «Porque

¹ Entre as várias acepções da palavra espanhola *mono*, encontram-se o substantivo «macaco», tal como em português, mas também o adjectivo «giro, engraçado». (*N. da T.*)

é que as mulheres serão tão cabeças-duras?» Com um empurrão, abriu a porta e gritou-lhes que se calassem.

Fez-se um silêncio tão dramático que a única coisa que se ouvia no quarto era a respiração afanosa de Dom Diego, que continuava acordado e de olhos fechados. Lá fora, gorjeou um bacurau-da-telha, *pi, pi, pi*, que recordou a Dom Diego os que faziam ninho nas árvores do castelo.

— Do que é que se está a rir? — perguntou-lhe o Mono, e Dom Diego tornou a pôr-se sério. — De quem está lá fora? De mim? Está a rir-se de mim? — O Mono Riascos soltou uma gargalhada falsa e disse: — Isso é que era bom. — Como um cão, deu duas voltas ao banco antes de voltar a sentar-se, apoiou a cabeça contra a parede e acrescentou: — Vamos ver se quando isto tudo acabar, ainda vai ter vontade de rir, Dom Diego. Ou é por causa dela? Lembrou-se de qualquer coisa relacionada com ela? Sorriu por causa da nossa Isolda?

Dom Diego abriu os olhos com fúria.

— Nossa? — ripostou.

Agora sim, o Mono realmente riu.

— Cá comigo, passa-se o mesmo quando me lembro dela, às vezes, sem que me dê conta, apanham-me a rir sem motivo, perguntam-me se me estou a lembrar de alguma malandrice, mas acontece-me o mesmo que a si, doutor, é por causa dela, sorrio por causa da nossa Isolda, mesmo que o senhor se enfureça quando digo *nossa*.

O Mono levantou-se e encaminhou-se para a janela vedada com tábuas e travessas, pregadas com rancor contra a parede e as portadas. Avançou devagar, movimentando os lábios como se falasse de si para consigo. De repente, levantou ligeiramente a voz para que o velho ouvisse o que recitava quase em silêncio:

— «A vida é boa para quem a aguenta e suporta. Eu que a tua sempre vi cheia de martírios, angústias e aflições,

com a praia de infecunda areia, mais alegrias te darei que verdes folhas as árvores frondosas aos ninhos, e a tarde, ao ocaso, nuvens vermelhas.»

Calou-se subitamente e olhou para Dom Diego com curiosidade. Viu que tinha a respiração mais rápida, mais pieira, e a cara ruborizada.

— Eu sei, doutor, que o senhor não gosta dos poetas de poncho, mas se não fosse o mestre Flórez, eu nunca teria sido capaz de aguentar tanto tempo à espera de que a Isolda saísse. Aprendi todos os seus versos de cor. Agora, que estou mais velho, a verdade é que me tenho vindo a esquecer deles. Decorei-os para lhos recitar a ela. — O Mono tornou-se pensativo e dirigiu-se a outra cadeira. Não se sentou, mas apoiou as mãos no espaldar. — E veja como é a vida — prosseguiu, veja só a quem me calhou recitá-los. — Suspirou e acrescentou: — E em que circunstâncias. — Com os dedos, tamborilou na cadeira. Deitou uma olhadela ao relógio e desculpou-se: — É uma pena, Dom Diego, mas a nossa conversa vai ter de ficar por aqui. Tenho muitos assuntos por resolver. Entre outras coisas, tenho de ligar para sua casa, há dias que não falo com eles. Não querem passar o telefone à sua esposa, ela diz que não quer falar comigo.

— Obrigado, Dita — sussurrou Dom Diego.

— O que foi que disse? — perguntou-lhe o Mono, mas Dom Diego não se dignou a repetir. — Eu cumpro o meu dever de telefonar, se querem deixá-lo aqui, é lá com eles.

O Mono voltou a tamborilar nas costas da cadeira, esperou em silêncio que Dom Diego fizesse outra coisa além de ficar quieto a olhar para o tecto, desconfortável num catre velho.

— Passe uma boa noite — disse-lhe o Mono.

Saiu e pôs o cadeado na porta. Avançou cabisbaixo pelo corredor escuro e encontrou os outros na sala, cochichando na risota.

— Mono, Monito. — A Twiggy levantou-se de um salto e pôs-se à sua frente. Sorriu-lhe como se não se tivesse passado nada.

— Será possível que não entendam o que vos digo? — protestou o Mono. — Em que língua queres que fale contigo?

A Twiggy pestanejou rapidamente com os olhos carregados de rímel. «Sinto a tua falta, Monito», lastimou-se ela ameninando a voz. «Tenho saudades tuas, preciso de te ver.» «Não venhas cá», disse-lhe o Mono, «se eu precisar de ti, vou à tua procura e pronto.» A Twiggy agarrou-se à bainha da saia verde-eléctrico, como se a sua vida dependesse da saia, e insistiu:

— É que se não for eu a procurar-te, já sei que tu não me procuras.

— Pois — disse o Mono e levantou a mão. Postou-se no meio da sala de estar e olhou para o Sobrancelhudo, o Carlitos e o Maleza. — Onde está o Piolho? — interpelou-os.

— Foi buscar leite — respondeu-lhe o Sobrancelhudo.

— A estas horas?

— A ordem partiu de ti.

— Dois pastos mais adiante, há umas vacas — disse-lhe o Maleza.

— Foi ordenhar a uma hora destas? — insistiu o Mono.

— Não — esclareceu o Sobrancelhudo —, ficou de trazer uma vaca. É melhor tê-la aqui para não termos de sair.

O Mono teve de se sentar. Tornou a esfregar a cara e a revolver o cabelo. «Então foram roubar uma vaca?», perguntou, desorientado. «A ordem partiu de ti», reiterou o Sobrancelhudo. De uma assentada, o Mono despiu o poncho. «Mas que filhos-da-puta tão estúpidos», insultou-os. A Twiggy sentou-se a seu lado, a uma certa distância. «Disse-lhes que arranjassem leite», explicou-lhes o Mono,

«não que roubassem uma vaca.» «Mas Mono», contrapôs o Sobrancelhudo, «a loja mais próxima fica a uma hora daqui.» O Mono interrompeu-o: «Então amanhã de manhã, o dono dá-se conta de que lhe falta uma vaca, vai à procura dela, não a encontra, dirige-se à esquadra da polícia, apresenta queixa, não tarda os chuis começam a averiguar entre os vizinhos, estás a dar atenção ao que te digo, Sobrancelhudo? E o que é que vai acontecer, qual de vocês é capaz de me dizer como é que vai ser quando a polícia aparecer por cá à procura da puta da vaca?»

Ninguém abriu a boca, até que a Twiggy disse:

— Eu cheguei agora mesmo, Mono, não sei de quem foi a ideia.

— Imbecis! — rebentou o Mono, e a Twiggy afastou-se um pouco mais, mordendo os nós dos dedos. Ele respirou fundo para se acalmar e decidiu: — Carlitos, sai e diz ao Russo que vá à procura do Piolho para que ele devolva imediatamente a vaca.

O Carlitos, carrancudo, olhou para o Sobrancelhudo.

— O que foi? — interrogou-o o Mono.

— É que o Russo também foi com o Piolho — explicou-lhe o Sobrancelhudo.

O Mono deteve-se, enfiou as mãos nos bolsos, começou a passarinhar vagarosamente em redor da mesa de centro e, de repente, levantou-a com um pontapé. Tudo o que havia em cima dela voou pelos ares: revistas, copos, um cinzeiro e os pratos de peltre. Uma garrafa de gasosa ficou a rodopiar no chão e, quando parou, o Mono perguntou:

— Então quer isso dizer que não está ninguém de guarda?